

CONFIDENCIAL

403

INFORME Nº 0397 -A/30/AC/81

The

015578

81

86-1 1187/81

DATA

: 19 MAI 81

ASSUNTO

: BOMBAS NO RIOCENTRO.

REFERÊNCIA

ORIGEM AVALIAÇÃO : SC-3 : A-1

DIFUSÃO

: SC-1 - CH/SNI

ANEXO

: CÓPIA DO PRONUNCIAMENTO DO DEP. MARCUS CUNHA.

Anexo, pronunciamento do Dep. MARCUS CUNHA (PMDB/PE), realizado em 15 MAI 81, no grande expediente da CÂMARA DOS DEPUTADOS, tecendo severas críticas ao Governo de vido o comportamento das autoridades em relação aos atentados à bomba, no RIOCENTRO.

PARA DIFUSÃO EXTERNA, ESTE DOCUMENTO DEVERÁ VER SEU TEXTO DESCARAC. TERIZADO.



Deputado MARCUS CUNHA PMDB-PE 15.5.1981

GRANDE EXPEDIENTE

Senhor Presidente, Senhores Deputados:

GER 20.01.0050.5

Grave, muito grave, é a

situação nacional. Grave e dramática. E ninguém, neste País, desde o Presidente da República até o mais humilde dos brasileiros, a não ser por irresponsabilidade ou má fé, poderá negar a evidência de uma profunda crise.

Vemos hoje uma Nação intrarquila, desarvorada, sem liderança, tensa, mergulhada num estado de dúvidas e incertezas, profundamente magoada, desanimada e perdida. A ação criminosa das bombas terroristas, escudando-se na certeza da impunidade, compromete seriamen - te a segurança nacional. A exploração das nossas riquezas estratégicas por empresas estrangeiras, bem como a ocupação de vastas áreas do território brasileiro pelas multinacio -



CAMARA DOS DEPUTADOS

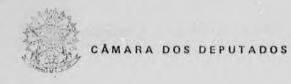
Fls.2

nais, nos fazem correr o risco de perdermos nossa soberania política pela dependência econômica.

A inflação, o desemprego, o aumento do custo de vida, a fome e a miséria, os desequili brios regionais, a falta de segurança nos negócios, o cresci mento da dívida externa, a diminuição da produção, o sentimen to generalizado de que o governo não governa, não sabe mais o que fazer, não tem uma segura diretriz para os campos econômico e político, tudo isso leva o País à perplexidade, resul tando a Nação parada, imobilizada, esperando que alguma coisa aconteça. Entretanto, hoje no Brasil, nenhuma autoridade, membros do governo ou da oposição, jornalistas, sociólogos, historiadores, analistas, profissionais liberais, militares, trabalhadores e empresarios, enfim, ninguém, nenhuma classe ou segmento da sociedade, será capaz de fazer, com relativa segurança, uma previsão do que irá ocorrer hoje, logo mais, dentro de poucas horas, amanhã, depois de amanhã.

E dentro desta inquestio

nável realidade, o que sucede? O Presidente da República ví



aja ao exterior. Não pode haver interesse maior que justifique a viagem do Presidente, nesta hora tão crucial, difícil, medonha, que inquieta o grande e sofrido povo brasileiro. Não pode
Sua Excelência - não tem o direito -, tal qual um novo doutor
Pangloss, dar a entender que "tudo vai bem no melhor dos mun dos", quando os fatos estão a mostrar a profunda semedade de
uma crise que poderá nos conduzir ao cáos definitivo.

Que jogam bombas, junta-se o radicalismo ideológico de direita e de esquerda, e mais, as vozes antipa - trióticas daqueles que desejam dividr a Nação em dois compartimentos estanques: de um lado as Forças Armadas, de outro lado a Sociedade Civil. Pois outro não foi o sentido da nota com que o Presidente respondeu a manifestação de apoio das oposições, no caso do combate ao terrorismo, senão o resultado de uma interpretação cavilosa, de que se desejava separar o governo dos militares. Na verdade, a oposição consequente e séria jamais pensaria em exercer uma atuação tão deletéria e contrária

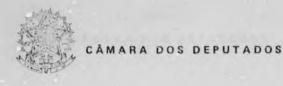


aos legítimos interesses nacionais. Com certeza, o que a oposição patriótica deseja, é unir civis e militares em torno dos autênticos objetivos permanentes da pátria bra sileira.

A oposição entende ser preciso, mais do que nunca, buscar a verdadeira unidade nacional. O único ponto de apoio que temos, num momento histórico em que perdemos quase tudo, é a nossa identidade de Nação.

Por isso, é absolutamente necessário preservar a boa inmagem que as Forças Armadas sempre tiveram perante o povo.

Desse modo, se impõe a coragem de fa lar muito francamente, até por amor ao Brasil, que a im punidade dos terroristas poderá afetar a imagem das Forças Armadas. E por que? Porque o que houve no Rio-Centro foi um acidente de trabalho. Todos os brasileiros estão convencidos disso. Não haverá versão, por mais bem urdida que seja, capaz de desmentir o fato. E não haverá fato novo, por mais sutilmente engendrado, que faça desa-



parecer a verdade cristalina do acontecimento terrorista do Rio-Centro. .

O DOI-CODI, órgão de repressão enquis tado infelismente dentro do Exército, preparou uma opera - ção terrorista com a finalidade de facilitar a escalada da direita no Brasil. Houve, então, um acidente de trabalho, o qual, possivelmente, salvou a vida de centenas de inocentes brasileiros.

Há um detalhe importante: O SARGENTO

E O CAPITÃO, ENCARREGADOS DA OPERAÇÃO, NÃO ESTAVAM FARDA
DOS, MAS EM TRAJOS CIVIS. PARECE UM DETALHE SEM IMPORTÂN
CIA, MAS NÃO É. SE ESTIVESSEM EM MISSÃO DA INSTITUIÇÃO

PERMANENTE QUE É O EXÉRCITO BRASILEIRO, AQUELES DOIS MILI

TARES SE APRESENTARIAM FARDADOS. ISTO DEMONSTRA, EVIDENTE

MENTE, QUE NÃO AGIAM EM NOME DO EXÉRCITO. PRATICAVAM UMA A

ÇÃO MARGINAL, INDECOPOSA. POR ISSO NÃO USAVAM FARDAS. NÃO

PODIAM CONSPURCAR A INSTITUIÇÃO MILITAR. SE O GENERAL CO —

MANDANTE DO PRIMEJRO EXÉRCITO, DESEJOU PROTEGER OS SEUS CO



MANDADOS, QUANDO DECLAROU QUE ELES SE ENCONTRAVAM EM MISSÃO,

ERROU. AGIU COM O CORAÇÃO DO CHEFE AMIGO, COM A BONDADE DO CO

MANDANTE QUE NÃO SOUBE FAZER JUSTIÇA.

A NAÇÃO INTEIRA NÃO PODE PAGAR, SOFRER, PA

DECER, CAIR NA INTRANQUILIDADE, POR CAUSA DA INCONSEQUENCIA DE

UNS POUCOS.

PORTANTO, ESTÁ NA HORA DOS GRANDES GESTOS:

QUEM ERROU CONFESSE O SEU ERRO; QUEM NÃO FALOU, FALE; QUEM NÃO

DISSE, DIGA; QUEM NÃO AGIU, AJA. O QUE NÃO É POSSÍVEL É COMPRO

METER O NOSSO FUTURO, O PORVIRO DO BRASIL, A PAZ DE HOJE E DE

AMANHÃ, APENAS PRA PROTEGER, EM NOME DE UM DISTORCIDO CONCEITO

DE SOLIDARIEDADE, MEIA DÚZIA DE ASSASSINOS FANÁTICOS.

de quem não vislumbra outra saída para a crise brasileira, a não ser através da unidade entre civis e militares, em torno de um projeto político de recuperação nacional, que restabeleça a dignidade do nosso povo, entregando a este a tarefa de de cidir soberanamente sobre os seus destinos.



CAMARA DOS DEPUTADOS

Fls.7

A oposição não confunde as pessoas com as instituições. A Igreja não é o padre, o Parlamento não é o deputado ou senador, o Exército não é o militar. Mas assim como ao padre cabe zelar pela Igreja, é tarefa do militar e de todos os militares, zelar belo bom nome e imagem da instituição.

Manifesto, novamente, a minha inquietação e angústia face o momento presente. Não sei como o General Presidente, João Batista Figueiredo, pode abandonar o Brasil numa hora dessa. Deixo aqui a apêlo desesperado de um deputado de oposição. E peço, sem desejar ser pretencioso, que os que pude rem me escutar, meditem um pouco em cima das minhas sinceras preocupações.

